

**Museologia: entre abandono e destino****Museology: between abandonment and destiny**Maria Cristina Oliveira Bruno<sup>1</sup>

DOI 10.26512/museologia.v9i17.31590

19

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**Resumo**

A reflexão sobre os caminhos teóricos que têm consolidado o campo da Museologia é o eixo central das abordagens apresentadas neste texto, com especial ênfase para os dilemas identificados entre os vetores epistemológicos e o enfrentamento dos novos desafios socioculturais que são projetados sobre os processos museológicos. Destaca-se ainda a proposição da pedagogia museológica.

**Palavras-chave**

Museologia. Epistemologia. Memória. Pedagogia Museológica.

**Abstract**

The reflection on the theoretical paths that have consolidated the field of Museology is the central axis of the approaches presented in this text, with special emphasis on the dilemmas identified between the epistemological vectors and the confrontation of the new sociocultural challenges that are projected on the museological processes. The proposition of museological pedagogy also stands out.

**Keywords**

Museology. Epistemology. Memory. Museological Pedagogy

**Introdução**

As reflexões que têm acompanhado a organização do campo da Museologia evidenciam, ao longo dos últimos trinta anos, uma dinâmica muito singular que podemos identificar a partir de três variáveis. Por um lado, emergem as discussões sistemáticas articuladas especialmente em torno do International Committee for Museology - Icomfom / Internacional Council of Museums – Icom<sup>2</sup> que agregam abordagens teóricas e análises conceituais sobre a prática dos museus. Por outro lado, as preocupações com a formação profissional e produção acadêmica, identificadas notadamente no cenário brasileiro, têm atraído a atenção no que diz respeito aos embates sobre o papel social que os profissionais desse campo podem desempenhar. Entre essas duas variáveis podemos ainda observar um terceiro caminho referente às contribuições provenientes dos mais variados olhares que questionam o campo da Museologia e a atuação dos museus, sob diferentes pontos de vista, atribuindo adjetivos e distinções a sua formulação, como por exemplo, Museologia Social, Crítica, Popular, Experimental, entre muitas outras possibilidades, que têm sido responsáveis por releituras dos teóricos desta área e por distintas conexões interdisciplinares, como também têm impulsionado a demarcação das bases de uma escola acadêmica de pensamento e de ensino, como é o caso da Sociomuseologia (MOUTINHO, 2019)<sup>3</sup>.

1 Professora Titular em Museologia, docente em Museologia no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo. Email: mcobruno@uol.com.br

2 Esta referência pode ser verificada em publicações do Icomfom, como por exemplo, MUWOP/Museological Working Papers e ISS / ICOFOM Study Series.

3 Apesar desta variável ser identificada em muitas instituições acadêmicas, é na Universidade Lusófona ISSN 2238-5436

Os percursos a partir dessas três variáveis têm múltiplos desdobramentos e atalhos, com diferentes ênfases, tanto nacionais quanto transnacionais, mas sempre aportam novas perspectivas, desnudam inflexões importantes e qualificam o fazer e o pensar museológicos. É um campo de conhecimento inserido nas Humanidades e com uma forte expressão de disciplina aplicada, que tem construído cenários caleidoscópicos de problematizações e experimentações sobre as sociedades entre si e destas com o meio ambiente circundante, exigindo interlocuções interdisciplinares e composições multiprofissionais, cuja historicidade é secular, com ênfases de modelos que são globais como também locais.

A longevidade dos processos museológicos, sua expansão planetária ao longo dos séculos e aplicação envolvendo as mais distintas comunidades demonstram a relevância da Museologia para a construção das identidades e consolidação das heranças culturais, mas aportam todos os dilemas histórico-socioculturais que identificamos na contemporaneidade.

Este artigo, ao discutir essas questões e rerepresentar ideias já contextualizadas em outros textos; parte da percepção que é possível propor que a Museologia seja compreendida como um campo de conhecimento que se equilibra entre as suas possibilidades e estratégias para tratar o abandono (BRUNO, 2000) e suas potencialidades de definir o destino daquilo que é relevante (CARDOSO, 2010)<sup>4</sup>. Trata-se de um campo que identifica, articula, manipula, projeta e preserva indicadores de memórias enquadrando-os como referências patrimoniais a partir de caminhos próprios, mas sempre em conexão com outros olhares e diversos campos científicos.

### **Museologia e alguns argumentos sobre sua organização teórico-metodológica**

A partir das perspectivas sinalizadas na introdução deste texto, as reflexões sobre “memória” estão na gênese das ideias referenciais da Museologia, pois é possível interpretar que são responsáveis pela compreensão sobre as razões psicossociais que têm conduzido os indivíduos e os grupos sociais a elegerem e valorizarem algumas expressões culturais (materiais e imateriais) e gerenciarem a sua perpetuação para a constituição de circuitos das heranças patrimoniais. Nas palavras de Le Goff:

Os fenômenos da memória tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, mais não são que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui. (LE GOFF, 1984: 12)

A Museologia, em sua essencial razão de ser, pode ser compreendida como integrada a esses sistemas dinâmicos de organização e administração dos indicadores de memórias, a partir de metodologias próprias resultantes das reciprocidades entre fato, fenômeno e processo museológicos que, por sua vez, são ancoradas na cadeia operatória de procedimentos de salvaguarda e comunicação e encontram eco na missão social da pedagogia museológica, repercutindo os impactos entre preservação e desenvolvimento. Aspectos dessas metodolo-

---

de Humanidades e Tecnologias de Portugal onde encontramos a sua maior expressão. Ver *Sociomuseologia: ensino e investigação* (MOUTINHO, 2019).

4 São referências correspondentes à tese de livre docência – *Museologia – A Luta pela perseguição ao abandono*, desta autora, defendida em 2001 no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (BRUNO, 2000) e à tese de doutorado em Museologia de Pedro Cardoso Pereira – *O Patrimônio perante o desenvolvimento*, defendida na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (CARDOSO, 2010).

gias serão tratados ao longo do texto, mas cabe preliminarmente ainda precisar algumas reflexões sobre a memória como essência do campo museológico.

Diferentes olhares acadêmicos se debruçam sobre as variáveis que nor-teiam as facetas da memória e suas interfaces com discussões dos mais variados domínios científicos. Retomo, neste momento, análise já apresentada:

Os estudos históricos, antropológicos e sociológicos, têm desvelado a expansão dos circuitos da memória, ao longo do tempo e no âmbito dos mais diferentes grupos humanos. Essas análises procuram evidenciar os limites e as reciprocidades entre escrita e oralidade, como importantes marcadores relativos aos sistemas da memória, pois representam distintas formas de retenção e transmissão dos traços culturais. Os objetos (artefatos), que acompanham as sociedades há dois milhões e quinhentos mil anos, ao longo do processo de hominização<sup>5</sup>, têm sido interpretados, nesse contexto, como suportes de informação, com registros das experiências culturais e, muitas vezes, como expressões e marcas da oralidade e da escrita. Desde as análises sobre a memória, viabilizadas pelos discursos, pelas poesias e pela retórica na Antiguidade; passando pelo surgimento dos memoriais financeiros e administrativos, e por conseguinte, dos memorialistas, como também, dos monumentos, lugares da memória e coleções, constata-se uma expansão dos suportes, dos sentidos e significados e dos agentes ligados às mnemotécnicas (educação da memória). Como afirmou Jean-Pierre Vernant (1971: 51) “nas diversas épocas e nas diversas culturas há solidariedade entre as técnicas de rememoração praticadas, a organização interna da função, o seu lugar no sistema do eu e a imagem que os homens fazem da memória”.

As ciências humanas têm focado as múltiplas facetas da memória, por meio de diferentes abordagens, que têm permitido, por um lado, mapear a mencionada expansão de seus processos e, por outro, entender a sofisticação dos mecanismos político-econômico-cultural que propiciam e impõem o esquecimento e a amnésia.

Ao lado dos autores que denunciam a violência e a dominação simbólica dos mecanismos da memória coletiva (Bourdieu, 1966; Nora, 1984; Pollak, 1989, entre outros), Maurice Halbwachs<sup>6</sup> destaca as funções positivas desempenhadas pela memória, no que tange à coesão social, por intermédio da adesão afetiva ao grupo. Para além das análises sobre a importância da continuidade e da estabilidade, esses estudos procuram analisar “... como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade.” (Pollak, 1989: 4)

É possível sublinhar, ainda, que esses estudos evidenciam a existência das memórias subterrâneas, dos silêncios da memória, as memórias abandonadas e o exílio da memória. Essas evidências testemunham, acima de tudo, a vivacidade e a força das lembranças individuais ou coletivas, como também, comprovam a consistência e a resistência dos suportes da memória. (BRUNO, 2000: 16-17)

Ao lado desses diferentes olhares, cabe à Museologia um certo tipo de enquadramento e formas específicas de tratamento dos indicadores materiais e imateriais dos repertórios de memórias, com o compromisso de viabilizá-los como vetores de herança cultural, para muito além das coleções que embasam a experiência dos museus ao longo dos séculos.

A expansão dos domínios da memória tem ampliado seus horizontes tornando-se cada vez mais complexa e dificultando as múltiplas perspectivas de gestão dos seus sistemas. Nesse contexto, a memória eletrônica, em franco desenvolvimento a partir da década dos anos cinquenta do século vinte, tem provocado uma verdadeira

5 As datas e cronologias relativas ao processo de hominização são sempre atualizadas em função das novas pesquisas.

6 Essa referência corresponde ao clássico texto “Memória Coletiva”. São Paulo: Vértice: Revista dos Tribunais, 1990.

revolução nos sistemas, convulsão nos agentes e forte impacto e sedução junto aos diferentes segmentos das sociedades.

Essa revolução, com dividendos econômicos e políticos nada desprezíveis, que tem sustentado uma nova ordem mundial, alterando substancialmente as noções e perspectivas do tempo e do espaço, tem causado desafios imponderáveis para o universo dos museus. (BRUNO, 2000: 20)

A partir dessas ponderações inerentes à forte influência das abordagens sobre memória para a organização da Museologia como campo de conhecimento, cabe uma imersão nas engrenagens relativas a este contexto, considerando, entretanto, que existem diferentes tendências do pensamento museológico.

É grande o número de trabalhos acadêmicos (dissertações e teses) que têm procurado analisar e avaliar os textos teóricos que se projetam na contemporaneidade e indicam as rotas percorridas por aqueles que se dedicam a apresentar os vetores constitutivos da epistemologia deste campo. De acordo com Davallon e Desvallées (2000), essa teorização teve início na Europa ao longo dos séculos XVII e XVIII, considerando a publicação do primeiro tratado referente a museus – “Museographia” (1727), elaborado por Caspar F. Neickel, indicando procedimentos para coleta e organização de acervos. A partir do século XIX surgem os textos que evidenciam a separação entre Museologia e Museografia e após a criação do Icom em 1946 e, notadamente, a partir da criação do já mencionado Icofom, não só as elaborações e discussões teóricas alcançam outros patamares como há uma franca expansão dos cursos de formação profissional e a produção de trabalhos acadêmicos que perduram até os dias de hoje.

Um novo elemento surge nesta trajetória, que vai confrontar e muitas vezes confundir as singularidades do pensamento teórico da Museologia e a atuação e visibilidade dos museus. Neste contexto e em processos paralelos continuam as abordagens teórico-metodológicas orientadas para uma Museologia normativa, mas surgem, com enorme ênfase, a partir da segunda metade do século XX, diversos movimentos que desvelam a incapacidade dos processos museológicos para interagirem com os problemas socioculturais contemporâneos e reivindicam a necessidade de uma Nova Museologia<sup>7</sup>. Observa-se, portanto, que essas últimas décadas registraram simultaneamente a construção epistemológica deste campo de conhecimento por forças antagônicas. De um lado, as análises têm evidenciado a importância do refinamento dos detalhes museológico-museográficos em toda a sua extensão e, de outro, é notável a presença dos contra-argumentos que procuram desvelar a incapacidade da Museologia em interagir com o presente.

Entretanto, não é difícil constatar que esse esgarçamento tem sido responsável por elaborações conceituais inéditas, por experimentações metodológicas inovadoras e por um constante e reiterado inconformismo resiliente e, ao mesmo tempo, resistente. Quando confrontamos, em especial no Brasil, as abordagens teórico-metodológicas com os modelos de políticas públicas, com o compartilhamento do ensino universitário, com a falta de perspectivas no mercado de trabalho, a visibilidade do campo museológico fica ainda mais vulnerável, evidenciando sinais dramáticos. Mas é também um campo marcado pela utopia, hoje compreendida como o objetivo da resiliência acadêmica.

Neste texto, foram consideradas de forma singular diversas abordagens já tratadas por Peter Van Mensch (1994), Maria Cristina Bruno (2000), Pedro

7 Trata-se, na verdade, de diversos movimentos que partem de ações museológicas ou se cruzam com estas, mas que é possível identificar que sua maior e mais duradoura expressão seja o Movimento Internacional pela Nova Museologia/ Minom, hoje integrado ao Icom.

Manoel Cardoso (2010), Hughes de Varine (2012), Ivan Vaz (2017), Bruno Brulon (2018), Mario Moutinho (2019), entre outros. São muitos os trabalhos que sinalizam para os aspectos constitutivos do campo da Museologia, mas a menção a esses autores se dá pela possibilidade de encontrar antagonismos e complementariedade em suas abordagens.

Procurando seguir uma linha de análise preconizada por Waldisa Rússio Camargo Guarnieri em diversos textos (BRUNO, 2010), o caminho a ser percorrido parte da noção de “fato museal”, como a interlocução relacional entre o “Homem e o Objeto em um Cenário” que, para os dias atuais compreendemos que se trata das conexões estabelecidas entre as sociedades e/ou comunidades com suas referências culturais das mais distintas categorias e tipologias, em um território específico, que pode ser uma instituição museológica estabelecida ou uma paisagem cultural delimitada pela percepção museológica.

A Museologia é uma ciência nova e em formação. Ela faz parte das ciências humanas e sociais. Possui um objeto, um método especial, e já experimenta a formulação de algumas leis fundamentais. O objeto da museologia é o “fato museal” ou o fato museológico. O fato museológico é a relação profunda entre o homem – sujeito conhecedor -, e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir. Essa relação comporta vários níveis de consciências, e o homem pode apreender o objeto por intermédio de seus sentidos: visão, audição, tato etc”. (RÚSSIO, 1981, in: BRUNO, 2010: 123)

Esta noção sobre fato museal deflagra a essência da construção do conceito de musealidade e indica claramente as rotas que são necessárias para a elaboração e desenvolvimento da relação mencionada. Cabe sublinhar que essas elaborações são enquadramentos da realidade contemporânea, são percepções estimuladas sobre as expressões culturais, são olhares contemporâneos relativos ao passado e muitas outras possibilidades. Mas não são elaborações espontâneas e sim construções sócio-históricas, frutos de distintos níveis de negociações culturais e subjugadas a um número significativo de procedimentos técnicos e científicos. São operações complexas e vulneráveis a novos julgamentos sobre as heranças culturais, aos revisionismos interpretativos provenientes de diversos campos de conhecimento, às novas conquistas científicas e, notadamente, às múltiplas dimensões das esferas de poder.

A consolidação do que delimitamos como fato museal pode ser identificada quando verificamos as facetas de um “fenômeno museológico”, um museu reconhecido como tal ou um processo museológico em franco desenvolvimento. Sob essa perspectiva, a construção desse fenômeno depende de procedimentos sistemáticos de salvaguarda (conservação e documentação) e comunicação (exposição e ação educativo-cultural), que exigem explícita reciprocidade com a natureza tipológica construída pelo fato museal e suas especificidades de pesquisa e gestão.

O conjunto desses procedimentos, desenvolvido como uma cadeia operatória, é a alavanca responsável pelo reconhecimento do mencionado fenômeno que, por sua vez, é vulnerável às necessárias capacitações profissionais, à aplicação de variadas técnicas e tecnologias e à aplicação de sistemáticas metodologias de avaliação. É o corpo que estrutura a noção de fato museal, estabelece caminhos e fronteiras para a valorização da musealidade e permite a compreensão das engrenagens dos processos de musealização.

As esferas que registram as reciprocidades entre fato e fenômeno, no caso da Museologia, desvelam os seus campos específicos de estudo e a sua

dimensão aplicada, reverberando os nexos e conexões que devem permear os modelos de ensino e os temas a serem investigados para a produção de conhecimento novo sobre as dinâmicas de musealização e as dimensões contemporâneas da musealidade. Neste sentido, pode-se compreender que a Museologia permite o equacionamento de três campos de ação:

- Campo Essencial: percepção, elaboração e proposição de hipóteses para construção do fato museal.
- Campo de Interlocução: desenvolvimento do fato museal a partir da aplicação de procedimentos de salvaguarda e comunicação com vistas à validação das hipóteses, consolidação do fenômeno museológico, e delineamento do cenário para as interlocuções interdisciplinares e multiprofissionais.
- Campo de Projeção: identificação e avaliação referentes à cadeia operatória de procedimentos acima mencionados, suas respectivas avaliações e monitoramento dos alcances socioculturais das atividades museológicas.

De acordo com as proposições apresentadas anteriormente é possível considerar que os processos museológicos são os resultados em permanente realização e avaliação das hipóteses direcionadas para a elaboração dos fatos museais e verificadas na dinâmica de atuação dos fenômenos museológicos. Esses processos, por sua vez, são transformados em objetos de análise da Museologia a partir dos estudos de quatro variáveis: (I) a vinculação entre a proposição de fatos museais e as discussões relativas às distintas compreensões e dimensões sobre os indicadores de memória; (II) as engrenagens e a dinâmica da cadeia operatória museológica e a formatação, monitoramento e avaliação dos fenômenos museológicos; (III) a historicidade dos fenômenos museológicos e a verificação de tradições e rupturas no que se refere aos repertórios patrimoniais; (IV) a identificação das repercussões e impactos socioculturais dos processos museológicos na atualidade.

Em uma perspectiva epistemológica da área disciplinar, há um certo consenso que a necessária hierarquia exige que a Museologia seja organizada em três níveis. Em um primeiro nível, a Museologia Geral reunindo as questões essenciais, históricas e transversais inerentes aos museus e processos museológicos. O segundo nível, direcionado para a Museologia Especial, é dedicado para o texto e contexto dos fatos e fenômenos museológicos no que se refere aos enfoques temáticos (textos) e às respectivas ressonâncias das expressões culturais musealizadas em distintos cenários (contextos locais, regionais, nacionais e transnacionais). O terceiro nível, referente à Museologia Aplicada, compreende todo o universo técnico inserido na dinâmica da cadeia operatória já indicada, para além das questões de governança (planejamento, sustentabilidade, monitoramento, avaliação).

Para tanto, é possível propor que essa disciplina tem duas preocupações centrais. Por um lado, tem o interesse de compreender como as sociedades se relacionam com sua herança cultural musealizada e, por outro, em sua dimensão aplicada, estabelece novas relações entre as sociedades e suas expressões patrimoniais a partir da constituição de processos museológicos. (BRUNO, 2014)<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Extrato do texto “A Pedagogia Museológica e a Expansão do Campo Científico da Museologia”, apresentado em 2014, no 36º Simpósio Internacional do Icofom, realizado em Paris.



Pode-se considerar que essas preocupações são os problemas científicos elementares que têm conduzido os debates do que poderíamos chamar de uma Museologia normativa, apoiada em normas e procedimentos já muito decodificados e consolidados e que busca responder às inquietações daqueles que projetam para este campo os problemas identificados na atualidade, nas variáveis das heranças patrimoniais e no cumprimento das funções sociais esperadas dos museus.

Essa compreensão sobre a dimensão dos problemas básicos e inerentes ao campo da Museologia nos leva às considerações sobre o perfil e natureza de suas pesquisas. De acordo com Bruno Brulon,

A pesquisa museológica nos conduz, assim, a um olhar próprio da Museologia sobre as unidades de análise que recortamos das realidades sobre as quais atua a musealização. Seu método próprio irá se constituir na medida em que os diálogos com outras disciplinas contribuem para o entendimento, sincrônico e diacrônico, do processo em cadeia de atribuição de valor às coisas que molda a nossa experiência do real. Ele é, portanto, método antropológico e histórico, sociológico e também semiótico, pois deve se construir interdisciplinarmente na medida em que se adapta ao movimento inconstante da musealização e dos museus, e às múltiplas experiências sociais e subjetivas que dele decorrem. (BRULON, 2018: 31)

O entendimento realçado pelo autor alavanca a Museologia para um patamar extremamente relevante no universo dos saberes acadêmicos que é a necessidade e urgência da projeção de olhares cúmplices e interdisciplinares sobre o real e, ao mesmo tempo, descortina a potencialidade das perspectivas colaborativas e compartilhadas que valorizam outras dimensões de saberes.

### **Museologia e algumas perspectivas contemporâneas**

Os pontos destacados anteriormente sinalizam que o campo da Museologia está em permanente busca de novos enquadramentos e superação de paradigmas, que atingem a sua consistência teórica e o elenco dos seus procedimentos metodológicos; permeiam a produção científica e influenciam os cursos de formação acadêmica e profissional. Consta-se que há permanente inserção dos desafios socioculturais da atualidade nos meandros da dinâmica dos fenômenos museológicos e, via de regra, impondo novas construções de fatos museais. De acordo com Pedro Manoel Cardoso,

A Museologia, em termos científicos e epistemológicos, mostra como é surpreendente sabermos decidir o que é *Relevante* apesar de não possuímos qualquer certeza absoluta acerca do Mundo e das coisas que o compõem. Mostra como o conhecimento do Patrimônio na contemporaneidade exige que dominemos as “*escutas do mundo*” já não cingidas apenas à vida humana. Ensina a transmitir essa relevância à compreensão do *Presente* e prepara para fazer a viagem ao *Futuro*. (CARDOSO, 2014: 149)

Essas idiosincrasias que fazem parte das preocupações básicas daqueles que transitam nesta dinâmica teórico-metodológica deste campo, integrado aos sistemas de administração das memórias, já demonstraram que à Museologia normativa cabe buscar a excelência dos procedimentos inerentes ao tratamento do que identificamos como “deveres das memórias”. A problematização cada vez mais aguda sobre o papel dos museus e processos museológicos na atualidade tem favorecido e impulsionado a busca de novos caminhos, fazendo emergir

outras dimensões das nossas necessidades em relação a este contexto. Assim, fica evidente os caminhos que têm sido percorridos por aqueles que compreendem que as sociedades emanam “desejos de memórias” e identificam esses processos no enquadramento da Museologia Social e mesmo a identificação da necessidade de um olhar crítico e experimental direcionado para as atuais abordagens museológicas referentes aos “direitos de memórias”, responsáveis pelas reflexões organizadas em torno da Museologia Crítica e Experimental.

Entre deveres, desejos e direitos<sup>9</sup> pode-se verificar o eixo central da Museologia contemporânea e suas formas singulares ao participar dos sistemas de administração das memórias e seus domínios nas negociações culturais. Trata-se, especialmente, de um certo redimensionamento do conceito de musealidade, das particularidades dos olhares que a identificam, das práticas que a consolidam e das responsabilidades que a traduzem como herança cultural.

A Museologia é uma ciência aplicada voltada à preservação, mas seu sentido preservacionista vai muito além de um binarismo formado por pares antagônicos como tradição/progresso, vida/morte, passado/futuro, entre tantos outros. O que se deve levar em consideração é que o patrimônio como substrato museológico e o desejo patrimonial da sociedade contemporânea implicam vertentes múltiplas de reconhecimento, tratamento e projeção. Não há somente um desejo premente, baseado no medo da perda, de garantir traços do que fomos ou somos ao futuro. Da mesma forma, não é somente sob peso de uma autoridade alienante, que mais anula do que reconhece, que é formado o patrimônio. Mesmo que não haja um equilíbrio entre as partes, há, sem dúvida, um processo em disputa e é esta possibilidade, mesmo que mínima, de disputa que garante novas estratégias patrimoniais realmente positivas.

A musealização, a musealidade, e outros conceitos museológicos, devem ser encarados como especificidades epistemológicas a definir um campo de relações, de métodos, valores e categorias. O potencial da museologia (e sua utopia) está em perceber-se interpretante, em se aproximar do objeto, em, mais do que apenas tratá-lo, criá-lo, ser também objeto. A meta-museologia se realizaria neste ponto, na própria interpretação de si mesma, de seus pressupostos, métodos, valores, na sua consciência. Seria quando a Museologia mais poderia se voltar ao seu dizer e fazer e, ao procurar o outro (Homem-Cenário-Objeto) encontrar a si na função de encontrar o outro: lucidez e reflexividade”. (VAZ, 2017: 92)

Essas rotas, palmilhadas por procedimentos técnico-científicos interdisciplinares e com forte expressão dos próprios agentes que constroem a lucidez e reflexividade, demonstram que a Museologia é um campo de “escuta” e de “fala”, permeado pela cadeia operatória de procedimentos de salvaguarda e comunicação, mas, que nos dias atuais estas rotas têm projetado notadamente características de resiliências, de contrapontos, e de resistências, despertando também a sua vocação para o tratamento das memórias exiladas, soterradas e mascaradas.

A partir dos argumentos indicados neste texto e mesmo reiterando que o campo da Museologia está em efervescente ebulição, com contribuições de muitos estudiosos, antes de encerrar gostaria de propor a expansão do campo epistemológico a partir da discussão sobre o conceito de “pedagogia museoló-

<sup>9</sup> Essas atribuições têm sido utilizadas com o objetivo de distinguir o alcance e responsabilidade da Museologia normativa que assume o dever em realçar as heranças já constitutivas de seus acervos e referências patrimoniais e as outras dimensões das memórias. Por um lado, desejo de memórias, surge a partir de movimentos sociais, temáticos, comunitários e localizados, que nos processos de mobilização os indicadores de memórias são percebidos como importantes fatores no contexto das respectivas reivindicações. Por outro lado, os direitos às memórias consistem na identificação dos exílios dos vestígios, no apagamento das marcas patrimoniais e, sobretudo, na necessidade de revisões de compreensões histórico-culturais herdadas.



gica”, como resultante das operações intrínsecas ao fato, fenômeno e processo e como elemento relevante para a sua inserção na área das Ciências Sociais e Aplicadas.

Para tanto, entende-se por pedagogia museológica as reciprocidades entre as seguintes ações: a identificação da musealidade que é responsável pelas proposições de incentivo à observação e à percepção; o aprimoramento da percepção seletiva que reitera a potencialidade do exercício do olhar e da identificação do que é visto; esse despertar de possibilidades de percepção e identificação leva aos compromissos de tratamento dos bens selecionados que, por sua vez, representa a indução ao uso qualificado das referências culturais, potencializando as rotas constitutivas da herança cultural em função da valorização dos bens patrimoniais. Essas operações sistemáticas e sistêmicas fazem sentido no âmbito de políticas públicas de cultura, educação e inclusão sociocultural a partir de múltiplas formas de interpretação, extroversão e difusão destes bens selecionados. (BRUNO, 2014: 5)

Dessa forma, entende-se que essa pedagogia nos ajuda no tratamento do abandono e nas escolhas do que é relevante, quando atuamos na constituição de fatos e fenômenos museológicos ou quando projetamos as nossas indagações sobre novas perspectivas de musealidade. Em cenários histórico-culturais como aqueles que identificamos no Brasil, essa perspectiva pedagógica assume um papel extremamente relevante, pois a educação para a memória e a educação para o patrimônio são ferramentas muito potentes para nos auxiliarem nas necessárias reparações e nos fortalecerem nos percursos da indignação.

## Referências

- BORDIEU, Pierre. *L'Amour de l'art: les musées et leur public*. Paris: Éditions de Minuit, 1966.
- BRULON, Bruno. “Passagens da Museologia: a musealização como caminho”. In: *Revista Museologia e Patrimônio*. vol. 11, n.2, Rio Janeiro, 2018.
- \_\_\_\_\_. “Pesquisa em Museus e Pesquisa em Museologia: Desafios Políticos do Presente.” In: *Museus & Museologia: Brasília*, 2018.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira Bruno. *Museologia. A Luta pela perseguição ao abandono*. São Paulo. Tese de Livre Docência. Museu de Arqueologia e Etnologia, 2000.
- CARDOSO, Pedro Manoel. “O que é Museologia”. In: *Cadernos do CEOM*. Chapecó: UNOCHAPECÓ, v. 27. n° 41, 2014.
- DAVALLON, Jean, DESVALLÉES, André. “Museologia” In: *Terminologia museológica: projeto permanente de investigação*. ICOFOM LAM, 2000 (cópia impressa).
- LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.
- HALBWACH, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.
- MENSCH, Peter. *Objeto de Estudo da Museologia*. Trad. Débora Bolsabello e Vânia Dolores Estevam de Oliveira. Rio de Janeiro: UniRio /UGF, 1994.
- MOUTINHO, Mário Canova. *Sociomuseologia*. Ensino e investigação. 1991 – 2018. Repositório documental anotado. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2019.
- NORA, Pierre. *Les lieux de Mémoire*. Paris: Gallimard, 1984.
- POLLAK, Michel. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: *Estudos Históricos*. São Paulo: 1984.

Museologia: entre abandono e destino

RÚSSIO, Waldisa. "A Interdisciplinaridade em Museologia". In: *Waldisa Rússio Carmargo Guarnieri. Textos e Contextos de uma trajetória profissional*. Coord. Maria Cristina Oliveira Bruno, vol. I: São Paulo, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010.

VARINE-BOHAN, Hughes. *As Raízes do Futuro. O Patrimônio a Serviço do Desenvolvimento Local*. Trad. Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianeza, 2012.

VAZ, Ivan. *Sobre Musealidade*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia / PPGmus/USP, 2017.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Pensamento entre os Gregos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.